



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PRÁTICA DE PESQUISA**

POVO NA *HISTÓRIA DE SERGIPE* , DE FELISBELO FREIRE

André Luiz Santos
Menezes Guimarães

Orientador: Prof. dr.
Francisco José Alves

SÃO CRISTÓVÃO/ SE
MAIO/2017

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PRÁTICA DE PESQUISA**

POVO NA *HISTÓRIA DE SERGIPE*, DE FELISBELO FREIRE

André Luiz Santos
Menezes Guimarães

Orientador: Prof. dr.
Francisco José Alves

Artigo apresentado para avaliação
da disciplina Prática de Pesquisa,
ministrada pelo Prof. Francisco
José Alves, no 2º semestre de
2016.

SÃO CRISTÓVÃO/ SE
MAIO/2017

Em memória

Ivanildes Santos Menezes (1964-2015)

Agradecimentos

É muito importante realizar uma caminhada e perceber que existem pessoas que estão torcendo pelo sucesso de suas realizações. Porém, de um lado, é triste constatar que algumas delas não estão mais entre nós para compartilhar os frutos desta labuta quase que interminável. Mas, do outro lado, é com alegria e satisfação perceber que seus ensinamentos contribuíram para a construção do meu caráter e personalidade, tão importantes em minha formação.

Agradeço, inicialmente, à minha querida mãe, Ivanildes Santos Menezes, ou “Nilda”, para os próximos, e ao meu pai, Damião Alves Guimarães, pelo carinho e dedicação.

Ao prof.dr.Francisco José Alves, pelos primeiros passos na pesquisa historiográfica e também pela “generosidade maternal” que demonstrou no processo de orientação.

Aos meus avós, tios(as), primos(as), com destaque ao meu querido avô, Sr. Geraldo José de Menezes, homem de personalidade singular.

À tia Telma, uma das pessoas que mais torciam pelo meu êxito, e que eu tinha o maior carinho.

À Michele, companheira nos “trancos e barrancos” da vida sempre ao meu lado nesta trajetória.

À Maria Rita, filha amada.

Aos meus irmãos: Pâmela Cristina Malta, Priscila Malta, Emilly Vitória, Thaíse Guimarães, Antoni Guimarães, João Vitor Guimarães, Vinícius Malta.

À Claudice Maria dos Santos e Aroaldo Francisco dos Santos, pela extraordinária generosidade.

A Gerson Malta Fernandes, por tudo...

Aos meus sobrinhos.

À Stephane, afilhada que me enche de orgulho.

Em fim, a todos que contribuíram de alguma forma nesta trajetória de lutas, lágrimas, e êxito.

Meu humilde e verdadeiro muito obrigado!

“Um homem de gênio é insuportável se não possui ao menos duas coisa: gratidão e asseio”

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO:

Este artigo tem como objetivos levantar, classificar, e analisar os diferentes significados da palavra “povo” na *História de Sergipe*, de Felisbello Freire. É composto pelas seguintes partes: Introdução, Desenvolvimento, Conclusão. Na Introdução é apresentado o conteúdo geral do trabalho aqui formulado, pontuando o objeto, os objetivos, a matéria prima, o conceito central na análise, o tratamento das fontes, e a natureza do estudo. O desenvolvimento foi dividido em três momentos: o **Resumo da História de Sergipe**, onde FF narra o passado sergipano de 1577 até 1855; **A semântica “povo” no português do século XIX**, trata das acepções do vocábulo como documentada em dicionários oitocentistas; **Povo na História de Sergipe**, onde o objetivo é explicitar o significado da assertiva “povo” em seus diferentes contextos narrativos. A conclusão do trabalho busca sintetizar as relações do termo “povo” nos diversos contextos na *História de Sergipe*, de F.F.

PALAVRAS-CHAVES: Povo; História; Sergipe;

I. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objeto a categoria “povo” na *História de Sergipe*, de Felisbello Freire (1854-1916).

O estudo tem como objetivo principal levantar, classificar, e analisar os diferentes significados da palavra “povo” no decorrer da obra. Visa também estudar como o termo se enquadra nos variados contextos narrativo da obra.

A pesquisa usa como matéria prima a edição original da obra publicado pela editora Perseverança, do Rio de Janeiro, em 1891. Também serviram de base alguns dicionários de língua portuguesa do séc. XIX.

Na abordagem, foi utilizado o conceito de campo semântico, na perspectiva da Linguística e da Fonética. Notadamente, baseamo-nos em autores como David Crystal (1941), Francisco da Silva Borba (1937), Franck Neveu, Jean Dubois (1920-2005), Joaquim Mattoso Câmara Jr (1904-1970).

David Crystal, com o *Dicionário de Linguística e Fonética*, traz uma construção histórica do conceito de campo semântico. Segundo ele, a teoria de campo semântico foi desenvolvida na Europa na década de 1930, principalmente por Jost Trier (1894- 1970), e aperfeiçoada mais tarde por Johann Weigerber (1899-1985). Crystal afirma que a teoria de campo semântico considera o vocábulo de uma língua não como mera lista de itens independentes, mas organizados em áreas, ou campos, dentro dos quais a palavras se inter-relacionam e se definem de várias maneiras³.

Já para Francisco Borba, em *Introdução aos Estudos Linguísticos*, campo semântico é o conjunto das significações correlatas em que se associam as palavras. Ela compensa a flexibilidade e a fluidez da significação linguística, pois precisa e limita a significação de cada vocábulo⁴. Acrescenta, ainda, afirmando que há campos semânticos que se apresentam logo a primeira vista, como os exemplos as partes do corpo, os termos de parentesco, etc. Por outro lado, outros campos são menos explícitos e mais difíceis de perceber.

No *Dicionário de Ciências da Linguagem*, Franck Neveu formula, a nosso ver, o mais amplo e elaborado conceito de campo semântico dentre os autores aqui consultados. Ele afirma que a noção de campo semântico estrutura o léxico em microssistemas, distinguindo-os em dois tipos de campo: o campo onomasiológico e o campo semasiológico⁵.

O campo onomasiológico parte do conceito para atingir o signo linguístico que lhe corresponde e formam, assim, reagrupamentos lexicais sobre a base do universo referencial ao qual retornam as unidades. Trata-se de campos nocionais, que marcam o domínio da experiência aos quais se faz corresponder um conjunto estruturado de palavras. A classe gramatical (substantivos, adjetivos, etc.) são os melhores exemplos.

O segundo tipo, o campo semasiológico, parte do signo para se chegar ao conceito. Trata-se de proceder ao estudo semântico do léxico a partir das similaridades morfológicas ou sintáticas observadas entre as unidades. Examinam-se as diversas distribuições das palavras, as relações semânticas que elas mantém, antes de atribuí-las a um campo conceitual. Assim, podem ser isoladas, por diacronia, as famílias das palavras formadas a partir de um etimom, ou por sincronia, dos campos derivados que fazem surgir principalmente fenômenos de afixação a partir de um mesmo lexema. Como exemplo, temos: coragem, corajoso, encorajamento, desencorajar, etc.⁶.

Podemos concluir que campo semântico, na perspectiva de Neveu, é a relação entre os microssistemas na língua, onde há uma inter-relação entre palavras, os conceitos e os signos.

A ideia de campo semântico como uma área coberta, no domínio da significação, por uma palavra, ou por um grupo de palavras da língua, é utilizada por Jean Dubois no *Dicionário de Linguística*⁷. Usando como exemplo a palavra mesa, o autor mostra que é possível descrever seu campo semântico a partir de duas concepções: a polissêmica, e a homonímica. Na polissêmica, o campo semântico estabelecido deverá explicar todas as significações da palavra mesa: mesa de trabalho, mesa de refeição, etc. Já a concepção homonímica, explica o campo semântico da mesa um, mais restrito, explica as diferenças semânticas entre: levantar a mesa e forrar a mesa, entre colocar a mesa e pôr a mesa, etc.⁸.

Joaquim Mattoso Câmara Jr, em *Dicionário de Filologia e Gramática*, explora o conceito de campo semântico em dois momentos distintos. No primeiro caso, o autor subordina o campo semântico à palavra léxico. Segundo ele, léxico é o conjunto de vocábulos que dispõe uma língua dada e campo semântico é uma das formas onde as palavras se distribuem no léxico, pois significa associações de significação para um certo número de sematemas, como os termos cor, para partes do corpo de um animal, para os fenômenos meteorológicos, etc. Em segundo plano, o conceito está ligado ao significado da palavra semântica, pois é uma das explicações deste termo. Para Câmara Jr, a semântica é o estudo da significação das formas linguísticas e pode ser descritiva

(sincrônica) ou histórica (diacrônica). É no significado descritivo que o conceito de campo semântico aparece, significando a associação das palavras da base de significação correlatas dentro da cultura a que a língua serve⁹.

Visando estabelecer o campo semântico da palavra “povo” na obra de Felisbello Freire, foram realizados três procedimentos básicos no tratamento dos dados: levantamento, classificação e análise. Por meio do levantamento, buscou-se na obra todas as ocorrências do termo “povo” e seus contextos. Em seguida, os termos levantados foram classificados considerando-se sua semântica contextual. Por fim, as ocorrências foram analisadas tendo em conta seus significados.

A análise aqui efetuada tomou como base o modelo *A Rede dos Conceitos* de Francisco José Alves¹⁰ e se enquadra no campo dos estudos sobre historiografia.

Este artigo é composto pelas seguintes partes: introdução, desenvolvimento, conclusão. Na Introdução é apresentado o conteúdo geral do trabalho aqui formulado, pontuando o objeto, os objetivos, a matéria prima, o conceito central na análise, o tratamento das fontes, e a natureza do estudo.

O desenvolvimento foi dividido em três momentos. O primeiro foi o **Resumo da História de Sergipe**, onde FF narra o passado sergipano de 1577 até 1855. Ele pontua também o motivo que o levou a escrever a obra e seus objetivos. Também é possível notar, entre outras características, a sua completa filiação ao evolucionismo spenceriano, em moda na segunda metade do século XX. No segundo momento do Desenvolvimento, **A semântica “povo” no português do século XIX**, trata das acepções do vocábulo como documentada em dicionários oitocentistas. Por fim, **Povo na História de Sergipe**, é o terceiro momento do desenvolvimento. Aqui, o objetivo é explicitar o significado da assertiva “povo” em seus diferentes contextos narrativos. A conclusão do trabalho busca sintetizar as relações do termo “povo” nos diversos contextos na *História de Sergipe*, de F.F. e como isso é testemunho da sua função capital na obra.

II. DESENVOLVIMENTO

Resumo da *História de Sergipe*

Antes de examinarmos a semântica do vocábulo “povo” nos diversos contextos da *História de Sergipe*, de FF, apresentemos um breve resumo da obra.

A *História de Sergipe* aborda o passado sergipano de 1575 até 1855. É formada de prefácio, introdução, três “Livros” e um Apêndice, num total de 348 páginas.

No prefácio o autor expõe, de forma geral, o conteúdo do livro. Nele o autor explica o motivo que o levou a escrever a obra e também os seus objetivos. Destaca o pioneirismo da sua obra.

Na introdução, o autor apresenta e discute as teorias relativas ao povoamento da América. Ainda nesta parte, FF caracteriza a geologia e a geografia de Sergipe.

No *Livro I - Época de formação (1575-1696)* – o autor narra como se formou a sociedade sergipana colonial, no plano territorial, administrativo, econômico. Focaliza, ainda neste “livro”, as primeiras explorações de minérios e a invasão holandesa.

No *Livro II*, F.F. aborda a administração, a sociedade, a política, e a economia de Sergipe enquanto comarca da Bahia. Também focaliza os conflitos de Sergipe com a Bahia e Alagoas por conta de limites territoriais. Narra, também, a expulsão dos jesuítas, delinea a situação da capitania no começo do séc. XIX e história da independência de Sergipe.

No *Livro III*, FF aborda a história de Sergipe entre 1823 a 1855, focalizando os feitos dos administradores de Sergipe no período.

A semântica do termo “povo” no português do século XIX

Antes de examinar-mos como o termo “povo” é usado por FF, na *História de Sergipe*, consideremos as acepções da palavra como documentadas em dicionários oitocentistas.

Começamos pelo *Dicionário da língua portuguesa*, de Luiz Maria da Silva Pinto (1775-1869), publicado em Ouro Preto, pela Typographia de Silva, em 1832.

Este dicionário registra sobre “povo”: “moradores de uma cidade etc.; Nação [...] Povo miúdo. Plebe”¹¹. Note-se que conforme esta fonte, “povo” possui três acepções básicas: Habitantes, nacionalidade ou gentílico, e ralé.

O vocábulo “povo” é registrado no famoso *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva (1755-1824). A obra foi publicada em Lisboa em 1789, pela Officina de Simão Thadeo Ferreira (sic). Lembrando que esta obra é considerada marco inicial da lexicografia de língua portuguesa¹². Para Moraes Silva, o vocábulo “povo” tem alguns significados: “os moradores da Cidade, Villa, ou lugar”; “*povo miúdo*, a plebe, gentilha.”; “nação, gente”¹³. Aqui novamente flagramos o termo “povo” com três significados acima aludidos.

Povo na História de Sergipe de FF

Ao longo da *História de Sergipe*, FF põe no cenário historiográfico o personagem “povo”. No decorrer da obra o termo comparece cento e sete vezes. Todavia a palavra não apresenta semântica uniforme. Na pena de F.F. “povo” pode significar: a) um segmento linguístico ou etnônimo; b) plebe; c) uma nacionalidade ou gentílico.

A) Povo como segmento linguístico ou etnônimo.

Examinemos, primeiro, a acepção de “povo” como segmento cultural, linguístico ou racial. Com este significado, o termo aparece na obra quatorze vezes. Vejamos os contextos de aparecimento do vocábulo nesta acepção.

O termo “povo”, como segmento linguístico ou etnônimo, aparece pela primeira vez, na *História de Sergipe*, quando FF discute sobre a Pré-história brasileira, a origem do homem primitivo brasileiro. Nesse contexto, ele aponta algumas teorias explicativas do fenômeno, dentre elas o Turanismo. Esta abordagem considera que a ocupação do continente americano está diretamente ligada às migrações dos povos Turanianos que saíram da Alta Ásia para povoar a Europa, África e Américas. Entre as principais evidências desta teoria estão as semelhanças craniométricas de indivíduos europeus e americanos¹⁴.

Prosseguindo com a narrativa, o termo “povo”, como segmento linguístico ou etnônimo, aparece, na *História de Sergipe*, quando FF apresenta outro argumento da teoria Turaniana quanto ao povoamento da América: a questão do mineral nefrite.

Este argumento é apresentado pelo mineralogista Henrique Fischer, um dos defensores do turanismo. Segundo ele, a presença de artefatos fabricados com o nefrite

na América é a prova que os turanianos povoaram o continente. A hipótese se baseia no fato de não haver jazidas deste mineral no continente americano, mas somente na Ásia e Oceania¹⁵.

Avançando na narrativa da *Historia de Sergipe*, FF se vale do termo “povo”, no sentido de segmento linguístico, para questionar a validade da teoria turaniana. Para FF as analogias linguísticas e arqueológicas entre os americanos e os orientais não provam que a América foi povoada exclusivamente pelos asiáticos¹⁶.

Povo, no sentido aqui em tela, volta a comparecer na *História de Sergipe* quando FF mostra que a mera semelhança entre palavras das línguas americanas com o sânscrito oriental não evidencia uma identidade entre estas línguas. Para FF, “essas ligeiras analogias linguísticas estão longe de comprovar uma identidade de estrutura da língua e de organização gramatical, entre os povos da América e os do Oriente”¹⁷.

Ainda na Introdução teórica da *Historia de Sergipe*, FF volta a usar o termo “Povo”, como sinônimo de segmento linguístico, quando aborda as diferenças entre as raças americanas e os povos de outros continentes¹⁸. Com isso o autor constrói os argumentos questionando o exclusivismo asiático no povoamento da América.

Outro contexto onde FF usa o termo “povo”, no sentido de segmento linguístico e cultural, na *História de Sergipe*, é quando ele expõe, utilizando como exemplo as imigrações, a possibilidade de uma relação direta entre a teoria do exclusivismo e a do indigenismo sobre o povoamento do continente Americano¹⁹.

Prosseguindo a introdução teórica da *História de Sergipe*, FF se utiliza do vocábulo “povo”, no sentido que estamos considerando, quando volta a tratar dos estudos relacionados à formação dos povos americanos, particularmente do homem brasileiro²⁰.

O vocábulo “povo”, no sentido de segmento linguístico e cultural, volta a aparecer na *História de Sergipe* quando FF foca a teoria do autoctonismo do homem americano. O autor, neste passo foca tanto aspectos culturais, quanto naturais²¹.

Continuando a considerar a teoria do autoctonismo, FF usa a palavra “povo”, no sentido de segmento linguístico e cultural, fundamentado nos estudos de Peter Wilhelm Lund (1801-1880), para mostra que a ancestralidade, tanto humana quanto geográfica, na América não depende diretamente do velho mundo²².

Ainda na Introdução teórica metodológica da *História de Sergipe*, o termo “povo” é utilizado por FF, na acepção linguística e cultural, para nomear os povos produtores dos artefatos e das necrópoles primitivas do Brasil. Conforme o autor, estes

elemento demonstram que o processo de miscigenação cultural já existia entre os primitivos do Brasil. Assim, por exemplo, FF argumenta que os botucos seriam o produto do cruzamento entre os homens das raças dos Sambaquis e as da Lagoa Santa²³.

Finalizando a introdução teórica na *História de Sergipe*, FF usa “povo”, no sentido de segmento linguístico e cultural, para explanar a sua teoria quanto ao povoamento das Américas. Para ele, os povos americanos são o resultado do cruzamento de diversas raças, tanto autóctones quanto estrangeiras²⁴.

Povo, como segmento étnico, volta aparecer na *História de Sergipe*, quando FF trata da formação do povo brasileiro. O vocábulo aparece quando ele discute qual seria a melhor teoria para explicar a história do Brasil²⁵.

O termo “povo”, no sentido de segmento linguístico e cultural, volta a aparecer, na *História de Sergipe*, quando o autor trata da formação das etnias brasileira, ele se vale do termo para acentuar os aspectos que levaram à predominância do português sobre as demais raças no processo de colonização.

Para o historiador “o português é um produto muito complexo de diversas raças que se fundiram, para produzi-lo”. “Como principal força colonizadora no Brasil, teve de nos infiltrar de uma das duas civilizações em que se dividem os povos da Europa”²⁶.

Por fim, o termo “povo” ressurge na *História de Sergipe*, quando FF elenca as expressões culturais dos índios brasileiros²⁷.

B) Povo como plebe

Ao longo da *História de Sergipe*, como já mencionamos, FF também usa “povo” como oposto de elite. Nesta acepção, o vocábulo comparece na obra dezoito vezes. Dicionários lexicográficos da língua portuguesa da segunda metade do século XIX abonam esta acepção.

Consideremos os contextos semânticos de ocorrência do termo nesta acepção.

Na *História de Sergipe*, a expressão “classe popular” dialoga diretamente com o a palavra “povo”, como o oposto de elite. Sendo assim, o primeiro contexto do surgimento do vocábulo é quando o autor discute a relação entre os jesuítas, classe popular (colonos portugueses) e a classe do governo acerca da abolição indígena. No trecho o autor aponta os aspectos da classe popular citada²⁸.

O termo “povo”, como “ralé”, aparece na *História de Sergipe*, quando FF cita o governo de Alvaro Correia Leite (1664/1665) referente à “incitação do povo” ao

patriotismo, necessário, segundo ele, para rechaçar os holandeses caso esses entrassem em confronto com a Bahia²⁹.

Na *História de Sergipe*, povo, como o oposto de elite, aparece em alguns momentos. Um deles é quando o autor trata da administração de Jorge Rabello Leite (1669-1671). Conforme o historiador, o “povo” estava insatisfeito com o governante³⁰.

A expressão “povo”, como o oposto de elite, surge, ainda, na *História de Sergipe*, quando FF pontua algumas deliberações do ouvidor-mor frente à população e a autoridade do capitão-mor³¹.

Outro momento, na *História de Sergipe*, no qual FF usa a palavra “povo” como oposto a elite se dá quando ele fala das principais funções exercidas pelas câmaras municipais. Ele cita a ação da câmara municipal de Lagarto, em 1789, no processo de afastamento do vigário desta localidade denunciado por abuso de poder. O historiador acentua o papel do povo no afastamento do prelado³².

O vocábulo “povo”, como oposto de elite, reaparece na *História de Sergipe*, quando FF transcreve uma carta de 2 de junho de 1755, onde o capitão-mor Manoel da Cruz Silva expõe ao soberano suas queixas referentes às atuações do ouvidor-mor Domingos Viegas. Comentando a carta, FF mostra a impotência do povo diante das ações do ouvidor³³.

Focando ainda a atuação dos capitães mores, na *História de Sergipe*, FF se vale do termo “povo”, no sentido de classe popular, para relatar a indignação desse segmento da sociedade sergipana com a atuação do capitão mor Manoel da Cruz Silva em Sergipe³⁴.

O termo “povo”, como ralé, volta ser usado quando o historiador aborda as contendas políticas do começo do Império. Nesta ocasião, o autor usa a assertiva para diferencia-lo do clero, e da nobreza³⁵.

Com este mesmo significado, FF, usa o vocábulo quando trata da propagação das “ideias livres” de André Rebouças (1838-1898) em Sergipe. Segundo o historiador, as ideias do líder haviam ecoado entre o “povo” de Sergipe³⁶.

Outro exemplo de “povo”, como ralé, na **História de Sergipe**, ocorre quando o autor trata da administração de Manuel Fernandes da Silveira(1725-1825), o primeiro presidente da província de Sergipe, entre 1824-1825. Para FF, apesar de não revolucionar a administração pública, Silveira ao menos ensaiou uma aproximação maior com o povo, em detrimento dos militares e aristocratas³⁷.

O termo volta a comparecer na obra do historiador quando ele foca a propagação das ideias republicanas em Sergipe nas primeiras décadas do século XIX. Para o estudioso o regime republicano tinha como objetivos instruir o “povo”³⁸.

O termo “povo” ainda comparece quando o autor narra os arranjos da política sergipana na década de 1830. Conforme ele, o partido Corcunda defendia os interesses da aristocracia contra os do povo³⁹.

Povo, equivalendo a classe subalterna, aparece, na *História de Sergipe*, no momento em que FF aponta aspectos da primeira fase período regencial (1831-1836) em Sergipe. De acordo com o autor, estes anos foram marcados pelas iniciativas do governo em melhorar a província, entre elas estão a ampliação dos direitos do povo⁴⁰.

Ainda no campo político, na *História de Sergipe*, FF usa o termo “povo”, como oposto de elite, quando narra os feitos de Silva Lisboa. Entre as façanhas desse mandatário, FF destaca o atendimento das demandas do “povo” de Santo Amaro⁴¹.

O vocábulo volta aparecer quando FF considera o governo de Fernandes de Barros. Uma das virtudes desse o governante é o favorecimento do “povo” com a criação da indústria⁴².

Na *História de Sergipe*, “povo”, como “ralé”, surge novamente quando FF trata dos conflitos entre partidos políticos em Sergipe, no Primeiro Reinado (1822-1831). Para o autor, os estratos baixos da sociedade perdem a vez com a chegada do Partido Recolonizador no poder⁴³.

Povo, no sentido em tela, aparece na *História de Sergipe*, quando FF narra fatos da economia sergipana. FF descreve que, a partir de 1840, o “povo” é morno e degenerado⁴⁴.

E por fim, “povo”, como oposto de elite, aparece na *História de Sergipe*, quando o autor caracteriza os governos de Sergipe no período pós 1840. Para ele, estes foram indiferentes ao massacre do “povo” nos episódios ocorridos em Itabaiana e Laranjeiras⁴⁵, na administração de Zacharias de Goes e Vasconcellos entre os anos de (1848-49).

C) Povo como uma nacionalidade ou gentílico

No decorrer dos episódios da História de Sergipe, FF também se vale do termo “povo” para indicar nacionalidade ou gentílico. Um dicionário de época abona tal acepção. Com este significado, registramos quinze ocorrências.

Vejamos com isso ocorre.

O termo “Povo”, designando nacionalidade ou gentílico, surge pela primeira vez, na *História de Sergipe*, quando FF aponta a importância do meio e do elemento étnico na formação psicológica dos sujeitos, traçando as leis evolutivas como guia para o desenvolvimento da sociedade. O “povo” é resultado dessas forças do meio e do elemento étnico⁴⁶.

O vocábulo “povo”, como nacionalidade ou gentílico, surge, na *História de Sergipe*, quando FF discute a importância do meio e do elemento étnico na análise de uma sociedade. Novamente, “povo” é o resultado das variantes do meio e do elemento étnico⁴⁷.

A expressão “povo”, como nacionalidade, desponta, na *História de Sergipe*, quando FF pontua o objetivo do capítulo II: nomear a contribuição de diversos elementos étnicos na organização do povo brasileiro. Neste contexto, “povo” se restringe aos moradores do Brasil⁴⁸.

A assertiva “povo”, indicando nacionalidade, manifesta-se, na *História de Sergipe*, numa avaliação da contribuição do português na formação do povo brasileiro. O termo indica a nacionalidade portuguesa⁴⁹.

No decorrer da *História de Sergipe*, “povo”, indicando gentílico, raia no momento em que F.F cita os aspectos negativos do pensamento religioso na Península Ibérica, com ênfase à Portugal. O termo “Povo” remete-se aos portugueses e espanhóis⁵⁰.

Povo, indicando nacionalidade ou gentílico, aparece na *História de Sergipe*, quando FF aborda a presença dos europeus no Brasil. Neste contexto FF cita como “povo”, os ingleses, os franceses, e os holandeses⁵¹.

A palavra “povo”, como gentílico, revela-se, na *História de Sergipe*, na ocasião que FF explana acerca das lutas contra as invasões holandesas. Povo indica os moradores do norte de Sergipe⁵².

Outra aparição de “povo”, como nacionalidade ou gentílico, ocorre quando FF expõe alguns problemas da recém-formada comarca de Sergipe, no final do século XVII. FF pontua os reveses sofridos pelos “povos” de algumas localidades sergipanas frente à interferência baiana⁵³.

Outro momento em que “povo” comparece como nacionalidade ou gentílico é quando o autor trata da identidade dos “povos” das vilas Inhambupe, Itapecuru e Abadia⁵⁴.

Povo reaparece, finalmente, quando o autor narra as tensões entre Penedo e Vila-Nova, no decorrer das revoltas de Pernambuco em 1817. Neste contexto, o vocábulo aparece duas vezes designando os habitantes das duas vilas⁵⁵.

III. CONCLUSÃO

A análise até aqui efetuada, mostrou que o vocábulo “povo” exerce na *História de Sergipe* função capital. Povo, em sua tríplice acepção, é um dos personagens recorrentes na encenação historiográfica efetuada pelo autor.

Povo, como vimos, na pena historiográfica de FF, é termo polisêmico. Pode significar grupo linguístico ou cultural, ou oposto de elite (a ralé, o baixo extrato social), ou nacionalidade ou gentílico.

Em primeiro lugar “povo”, na semântica de FF, designa grupo linguístico ou cultural. Nesta acepção o termo comparece quando o autor aborda a origem do homem primitivo brasileiro e suas características biológicas e culturais. Para tal, o autor se vale das principais teorias explicativas da biologia, da linguística e da arqueologia.

Concebendo “povo” como grupo cultural ou linguístico, FF tece uma narrativa, na qual o termo “povo” remete às discussões teóricas sobre raça no final do séc. XIX.

Na semântica historiográfica de FF, “povo”, também significa ralé, o oposto de elite, os baixos extratos sociais. Com esta acepção, o termo comparece na História de Sergipe quando o autor aborda os aspectos políticos do passado sergipano.

Felisbello Freire usa o termo “povo” com este significado quando focaliza os altos e baixos da política sergipana, os arranjos políticos e como o “povo” se posiciona frente a eles. Povo, como oposto de elite volta a comparecer, na História de Sergipe quando FF narra a relação das câmaras municipais com a “ralé”.

Observe-se que “povo”, como não elite, na História de Sergipe de FF é predominantemente paciente. Nestes casos, o “povo” sofre a ação das elites, dos grupos dominantes. Todavia, há momentos escassos em que o autor foca o “povo” como agente da história. Como exemplo, se pode citar os episódios da propagação das idéias de André Rebouças (1838-1898) e da Revolta de Santo Amaro. Neles, segundo FF, o “povo” teria sido protagonista da História.

Povo na História de Sergipe, de FF, também é sinônimo de nacionalidade ou gentílico. Com este significado, o termo comparece na obra em algumas situações. Uma delas é quando o autor focaliza a presença dos “povos” europeus no Brasil. Outra ocorre

quando FF explica as mazelas da administração pública em Sergipe, como resultantes da influência do “povo” português.

Com esta mesma acepção, o termo “povo” volta a aparecer na *História de Sergipe* quando FF narra as contendas entre Sergipe e Bahia (principalmente por controle político e territorial), e entre Penedo(AL) e Vila Nova (SE). Para ele, tais conflitos decorre da índole diferenciada dos “povos”.

Notas

¹ Nietzsche, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Rio Grande do Sul: L&PM Editores, 2008.

² Concludente do curso de Licenciatura em História (DHI-UFS); E-mail para contato: andre_guimaraes1234@hotmail.com

³ Crystal, David. **Dicionário de Linguística e Fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. (p.233)

⁴ Borba, Francisco. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. São Paulo: Editora Nacional, 1975. (p.283)

⁵ Neveu, Franck. **Dicionário de Ciências da Linguagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. (p.62)

⁶ Neveu, Franck. **Dicionário de Ciências da Linguagem**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. (p.63)

⁷ Dubois, Jean. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Editora Cultura, 2006. (p. 532)

⁸ Dubois, Jean. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Editora Cultura, 2006. (p.533)

⁹ Câmara Júnior, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Filologia e Gramática**. Rio de Janeiro: Lozon Editora, 1963. (pp. 221-319)

¹⁰ Alves, Francisco José. **A Rede de Conceitos: uma leitura da historiografia de Felisbello Freire**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

¹¹ Pinto, Luiz Maria da Silva. **Dicionário da língua portuguesa**. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832. (p.847)

¹² WIKIPÉDIA. **Antônio Morais Silva**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_de_Morais_Silva. Acesso: Abril de 2017.

¹³ Silva, Antônio de Moraes. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Lisboa. Officina de Simão Thadeo Ferreira. 1789. Tomo II. p. 225.

¹⁴ “Imbuído das Idéias de Max-Müller[...]chega a admitir a marcha do **povo** turaniano na América, procurando fundamentar suas vistas na suposta dolichocephalia das raças da América do Norte e a brechycephalia geral dos da América do Sul, fenômeno idêntico ao que se deu na Europa” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Introdução, p.XIII, §4).

¹⁵ “Encontram-se [o nefrite] em muito lugares, sobre quase toda superfície da terra, especialmente na América, Europa, Ásia e Nova-Zelandia, objetos tais como machados, amuletos ornados e outros semelhantes[...] já ainda em uso entre **povos** incultos ou civilizados [...] porque até o presente só chegou ao nosso conhecimento a existência de

jazidas nativas de material bruto na Ásia e na Oceania” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Introdução, p. XVI, §4).

¹⁶“Se a tendência de buscar na imigração dos **povos** asiáticos a explicação de ligeiras analogias que a linguística e a arqueologia dos **povos** da América apresentam com os do continente oriental [...] todavia certos achados da ethnografia mostram a falta de bases desse exclusivismo” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Introdução, p. XVIII, §1).

¹⁷Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. (p. XVIII, §2)

¹⁸“Além disso, os traços característicos dos **povos** do continente americano, Moraes e physicos[...] são factos que protestam contra a transmigração, como ponto exclusivo da origem do índio americano” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. p. XVIII, §3).

¹⁹“As imigrações de **povos**, que eram motivadas, quer por condições locais [...] sempre se encontram com forma antagônica, com o elemento ethnico autochtone em todos os continentes” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. p. XIX, §6).

²⁰“o Brazil, ainda que os **povos** não sejam, em larga escala, de um cruzamento entre o primitivo e o estrangeiro, todavia os trabalhos anthropologicos de Baptista de Lacerda e de Rodrigues Peixoto, e os geológicos e arqueológicos de Lund, deixam alguma luz neste sentido” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. p. XIX, §9).

²¹“As grandes analogias das crenças, dos costumes, dos ritos, e da língua, dos povos espalhados pelo território americano, bem provadas por Morton; a formação geológica do novo continente, como observa Lund, muito anterior à do velho, são factos que não devem ser desprezados” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. p. XX, §2).

²²“Pelos estudos nas escavações das cavernas do Brazil, o sábio Lund chega a conclusão de que a existência do homem neste continente data de tempos anteriores à época que acabaram de existir as ultimas raças de animais gigantescos, e que já era habitada em tempos, em que os primeiros raios da história não tinham ainda apontado no horizonte do novo mundo, e que os **povos** que nessa remotíssima época habitavam-na, eram da mesma raça que os que no descobrimento foram ahi encontrados” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. p. XX, §4).

²³“Nessas necrópoles tem-se notado três camadas de urnas funerárias, cujo estudo demonstra que mais de um **povo**, em diversos grãos de civilização, foi o construtor desses admiráveis túmulos [...] onde a archeologia pretende levantar essa vida de um passado tão longínquo e marcar o grão de evolução mental a que chegaram esses antepassados” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Introdução, p. XXI, §8)

²⁴“Ou se que as migrações, dirigidas do norte, como querem alguns, ou do sul, como querem outros, foram-se crusando com os **povos** que iam encontrando nas correrias; ou se admita, sem fundamento científico, que houve uma migração extra-americana; o que não se pode contestar é que mais de um elemento ethnico cruzou-se nas populações brasílicas e que um deles é authochtone [...] assim como foram a Europa, a Ásia, a África, a Oceania” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Introdução, p. XXIII, §1).

²⁵“Nesse longo período que podemos chamar de *período de formação*, que é bem visível na historia, na literatura, nas artes, em suma em todas manifestações mentaes do **povo**; nessa *hegemonia* em que o elemento ethnico mais forte, melhor organizado para a concurrencia, deveria vencer, formou-se uma subraça, que é o genuíno typo brasileiro[...]. É a grande *população mestiça*, o resultado deste cruzamento das três raças, que por aqui puzeram-se em contato” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Introdução (cap. II), p. XXIX, XXX, §8 e 1§.).

²⁶Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. (Introdução (cap. II), p. XXXI, §6.).

²⁷“A ornamentação de seus vasos, a physionomia de seus ídolos, a representação esculpida ou pintada de seus synbolo hyeroglyphicos, os toucados de quem revestiam as cabeças de seus personagens, bem como as vestes simuladas por algumas figuras, tudo isso é almagama immensamente heterogêneo, uma grande mescla, uma espécie de ecletismo theogonico, em que se enxerga a tradição de uma remota nacionalidade superior, a pouco a pouco fundida ou incorporada em **povos** menos adiantados e através de paizes diversos” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Introdução (cap. II), p. XXXVII, §5.)

²⁸“As duas classes alcançaram completa ascendência sobre a classe popular, que nada aspira, deseja e realisa, sem sua intervenção” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro I. cap. II. p.37, §4.).

²⁹“Em successivas cartas de Janeiro de 1668 ao seu delegado, authorisou-o a publicar seu bando por toda capitania, no qual incita o patriotismo do povo para pegar em armas, na defesa da Bahia, contra a invasão inimiga” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro I (cap.VII), p.155, §6.)

³⁰“seu sucessor que foi Jorge Rabello Leite (1670) deixou impressa na opinião a maior animadversão, a ponto do **povo** unir-se e depô-lo”; “O abuso do poder provocou esse levante em um **povo** eminentemente ordeiro” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro I. cap.VII. p.157).

³¹“O fôro vivia agitado pelas sucessivas questões, quer civis, quer criminaes [...] traziam essa actividade no corpo da justiça e faziam com que o ouvidor se tornasse uma autoridade que preponderava nos destinos do **povo**, mais que o capitão mor” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro II. cap. I), p.178, §5)

³²“O **povo** reúne-se, dirige-se ao edifício do conselho, denuncia os abusos do vigario Theodosio Semião Lopes Machado e exige que ele entregue as chaves da Matriz” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro II. cap. II. p.186, §1.)

³³“ficando privados os que poderão jurar contra eles escandalizados das suas injustiças [...] como este **povo** pelas dependências que tem deles não podem falar com temor [...] prendendo pretenciosamente e injustamente varias pessoas” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro II. cap. II. p.190)

³⁴“não só em nome dos **povos**, mas as camaras, os ministros de V.M, os eclesiásticos e ultimamente não há pessoa de qualidade alguma a quem deixe viver socego [...] é summamente conveniente o mandar despejar daquelle distrito para fora” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro II .cap. II. p.193, §2).

³⁵“Ainda esta bem viva na memória de todos as violências praticadas sobre o **povo**, pelo partido que apellava para as tradições de Nobreza” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro III (cap. I), p.268, §9).

³⁶“O **povo**, principalmente a população mestiça, ouvindo de Rebouças as theorias de igualdade, e que *um pardo podia ser até general*, exaltou-se contra a nobreza dos corcundas” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro III. cap. I. p.269, §4)

³⁷“Se a administração não promoveu realização de melhoramentos que se tornavam inadiáveis [...] levantando uma opinião pública e defendendo os direitos do povo, conculcados pelos prepotentes da época” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro III. cap. I. p.275, §3)

³⁸“Propagavam pela província ideias republicanas[...] incitando o **povo** a instituir um novo regimen de governo” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro III. cap. II. p.278, §6).

³⁹“o vice-presidente Machado e o comandante das armas Mello Pereira eram suspeitos ao **povo**, pelas tradições do partido que pertenciam[...] o povo convenceu-se de que o partido do governo retardaria a aclamação do novo rei...” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro III. cap. II. p.284, §2).

⁴⁰“O período de 1831-1836 fórma o primeiro período da regencia, que se caracteriza pela inicitiva do governo em promover o melhoramento da província, em defender os direitos do **povo**, em ampliar as instrução pública, em manter a ordem e a paz no seio da população, tão convulsionada pelos acontecimentos passados” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro III (cap. III), p.293, §3)

⁴¹“Nesse mesmo dia recebia as congratulações da Assembleia Provincial e os agradecimentos do **povo**, por haver, quase sem meios, cortado todas as avenidas da guerra civil[...] consolidado a paz” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro III (cap. III. p.300. §2).

⁴²“Pede a criação do comercio direto[...] a organização de um banco que facilite a circulação de capitães[...] amina o **povo** a dedicar-se à industria” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro III. cap. III. p.305, §2).

⁴³“E ahi está o apoio que elle presta à administração de Silveria, quando o partido adverso, juntamente com a tropa, quis depô-lo, por causa da sua defeza ilimitada que seu secretário presta ao **povo**” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro III (cap. III), p.313, §2.)

⁴⁴“De 1840 em diante, o **povo** torna-se morno e parece degenerado” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro III (cap. III), p.314, §3).

⁴⁵“Todas as mais se caracterizam pela indiferença à prosperidade geral[...] empregavam as força armada contra a liberdade dos votos no pleitos eleitoral[...] sendo a sociedade

testemunha de cenas de sangue, como se deu em Itabaiana e Laranjeiras” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro III. cap. IV. p.316, §1).

⁴⁶“É de todo impossível penetrar-se no intellecto de um **povo**, em suas variadíssimas manifestações e nas relações subjectivas e psychologicas [...] sem ter-se em consideração a influência do elemento ethnico e do meio” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Introdução (cap. II), p. XXVI, §1.)

⁴⁷“Essas duas forças, sem quaes a seleção na humanidade não poderia effectuar-se [...] presidem a todo trabalho intimo, que se opera no seio de um **povo**” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Introdução (cap. II), p. XXVI, §2)

⁴⁸“Temos a apreciar neste (capítulo) sómente a contribuição dos diversos elementos ethnicos, na organização do **povo** brasileiro” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Introdução (cap. II), p. XXIX, §4)

⁴⁹“Já se vê, pois, que o português é um producto muito complexo [...] em que se divide os **povos** da Europa” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Introdução (cap. II), p. XXXI, §6)

⁵⁰“**Povo** eminentemente supersticioso e que não via na religião a força mais poderosa do progresso” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Introdução (cap. II), p. XXXII, §3.)

⁵¹“De entre os **povos** que maior amplitude deram aos meios políticos que os deviam dirigir no Brasil, figuram os holandeses, cujas tentativas e ambição foram grandemente auxiliados pelo seu governo [...] foram os primeiros a estabelecer os fundamentos de uma futura nacionalidade” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro I .cap. IV. p.69, §4)

⁵²“As lutas com os holandeses deixaram no espírito do **povo**, principalmente na região do norte [...] uma tendência ao assassinato, a promover a alteração da ordem publica, por pequenas causas” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro II (cap. I), p.169, §2)

⁵³“Entretanto os **povos** daquelas localidades mostravam visível repugnância a aceitar a jurisdição do ouvidor de Sergipe [...] mostram-se simpáticos à causa da desanexação [...] até que os limites foram deslocados para o rio Real ...” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro II. cap. I. p.172. §4).

⁵⁴“Os atos do governo eram insuficientes para promover a paz e submeter aquelles **povos** à jurisdição da capitania de Sergipe” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro II. cap. II. p.185, §1).

⁵⁵“representarão mais ao mesmo o Excelentíssimo Conde que davão a conhecer os povos daquela Villa[...]por isso elles vinhão aqui todas as vezes que querião armados, e patrulhas dos mesmos corriam de noite esta Villa [...] os seus **povos** não eram capazes de oppor-se às ordens do Governo da Sua Magestade” (Freire, Felisbello. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: editora Perseverança, 1891. Livro II.cap. IV. p.218/219.).